

TIQUE FATAL

* Roberto Rodrigues

Certa vez, em meados do século passado, apareceu em Cruz Branca do Meio um padre novo, moço ainda, que, morando na cidade grande, recebeu do Bispado a tarefa de cuidar do rebanho católico do povoado.

O pessoal do Meio o recebeu muito bem e acatou com boa vontade seu apelo por maior aproximação com a Igreja. Naquele tempo só havia uma capelinha no Meio, e o padre combinou com aqueles que de pronto mais se aproximaram dele, que viria todo primeiro sábado de cada mês, passaria o dia inteiro em atividades como catecismo, confissão e visitas protocolares, encerrando o programa com uma missa completa, incluindo comunhão.

Todo mundo ficou feliz com o arranjo, e as “sabatinas” começaram com grande aceitação: o padre era sério, muito correto e bastante ativo, e caiu nas boas graças dos meienses em geral.

Mas ele levava duas características que transformaram um destes sábados tão esperados em uma trapalhada para o bom moço: tinha um tique nervoso, que seria irrelevante se não fosse o zombaterio e crítico espírito de observação dos pândegos da vila. É que muitas vezes, ao fazer determinada afirmação, o padre levantava as sobrancelhas 2 ou 3 vezes repetidas. Parecia sinal de truço, ou, como dizia a turma do VASP (“velhos aposentados sentados na praça”), a impressão era que ele estava desmentindo o que havia dito, sinalizando que a verdade era bem o contrário. Quem é do interior sabe que certos predicados como esse são logo identificados pelos piadistas e chegam até mesmo a produzir apelidos muito bem aplicados, embora ridicularizadores. Um prelado anterior a esse nosso personagem tinha a mania de conversar o tempo todo com a cabeça inclinada para a esquerda e foi apelidado de “seis e cinco”. E ainda tinha um segundo problema, que era a ideologia do jovem padre: um pouco socialista, o que contrariava certas parcelas do povo do vilarejo, extremamente conservador.

Pois bem. Num destes sábados trabalhosos, o religioso chegou ao Meio com dor de cabeça. Passou pela farmácia e pediu aspirina. Mas, olhando fixamente para o rapazote que estava no balcão, deu 3 sobrancelhadas. Ora, o pobre menino, que não sabia deste maneirismo, entendeu que o padre queria outra coisa. E, achando que era alguma malandragem, comum e combinada com outros clientes, foi ao fundo da farmácia e embrulhou uma camisinha. O padre pegou o pacote e foi embora, sem saber o que levava, e agradecendo, deu 3 novas sobrancelhadas, às quais o menino respondeu piscando e sorrindo, manhoso.

De lá, foi direto visitar o fazendeiro mais rico do lugar, para lhe pedir uns bezerros para a rifa que faria no mês seguinte numa quermesse a ser realizada na pracinha em frente à capela. O fazendeiro não gostava muito do rapaz porque este falava sempre em reforma agrária, criticando o atraso das fazendas grandes, estas coisas da época. Mas atendeu o pedido e doou dois bezerros para a Igreja. O padre, grato, disse:

- “Obrigado, seu Neca. Em verdade, ao fazer essa caridade, o senhor está servindo a Deus. Aliás, lembre-se sempre que esta terra foi Ele que fez, de modo que o senhor é apenas um sócio Dele. Portanto, o senhor está aqui de passagem, usufruindo o que pertence a Ele. Não se esqueça disso”.

O caboclão pensou um pouco, sorriu e, simpático, respondeu ao padre:

- “Tem razão, tem razão. Mas quando eu ainda não era sócio, não tinha bezerro pro senhor fazer rifa na igreja...”

Sem graça com a resposta, o padre voltou para a Vila onde toda a gente já sabia da “safadeza” do preservativo... Foi o fim das sabatinas.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**